



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

CAMILA LUCENA MOTA

**DIÁLOGO ENTRE O ENSINO DA GEOGRAFIA E A AGROECOLOGIA PARA
ENTENDER E AO MESMO TEMPO CONSTRUIR UMA OUTRA REALIDADE**

**RECIFE
2023**

CAMILA LUCENA MOTA

DIÁLOGO ENTRE O ENSINO DA GEOGRAFIA E A AGROECOLOGIA PARA
ENTENDER E AO MESMO TEMPO CONSTRUIR UMA OUTRA REALIDADE

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciada em Geografia da
Universidade Federal de Pernambuco.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Ubiratan
Gonçalves

RECIFE

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Mota, Camila Lucena.

DIÁLOGO ENTRE O ENSINO DA GEOGRAFIA E A AGROECOLOGIA
PARA ENTENDER E AO MESMO TEMPO CONSTRUIR UMA OUTRA
REALIDADE / Camila Lucena Mota. - Recife, 2023.

41

Orientador(a): Cláudio Ubiratan Gonçalves

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Geografia -
Licenciatura, 2023.

1. Agroecologia. 2. Ensino de Geografia. 3. Educação. 4. Revolução. I.
Gonçalves, Cláudio Ubiratan. (Orientação). II. Título.

370 CDD (22.ed.)

CAMILA LUCENA MOTA

**DIÁLOGO ENTRE O ENSINO DA GEOGRAFIA E A AGROECOLOGIA PARA
ENTENDER E AO MESMO TEMPO CONSTRUIR UMA OUTRA REALIDADE**

Trabalho de conclusão apresentado como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciada em Geografia da Universidade
Federal de Pernambuco.

Aprovada no dia: 16/05/2023.



Documento assinado digitalmente

CLAUDIO UBIRATAN GONCALVES

Data: 11/11/2023 13:33:33-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Cláudio Ubiratan Gonçalves.
Universidade Federal de Pernambuco
Orientador

Dr. Brunna Maria da Silva Rapozo
Universidade Federal de Pernambuco
Avaliadora

Dr. Anderson Camargo Rodrigues Brito
Universidade Federal de Pernambuco
Avaliador

Dedico à minha família e animais que me ensinaram a ser o que sou e por me dá forças para trabalhar por um mundo melhor.

O que pretende a revolução autêntica é transformar a realidade que propicia este estado de coisas, desumanizante dos homens. Freire, 2018 p. 174

AGRADECIMENTOS

Primeiro agradeço a Deus, seus trabalhadores de luz e Maria Padilha das Almas que sempre iluminam meu caminho, dando-me forças pra continuar.

A minha família que é a coisa mais valiosa e importante que tenho na vida. Principalmente meus pais, que fizeram de tudo e ainda fazem por mim. Painho, obrigada pelo apoio, te amo muito. Mainha, luz dos meus olhos, minha melhor amiga, meu exemplo, eu sempre me espelho em você pra tudo.

A minha irmã Carina que é meu orgulho. Ao meu sobrinho Théo que me atrapalhou tanto quando estava estudando ou escrevendo que eu tinha que parar para brincar e sorrir de suas confusões. Meu companheiro, Wadamys, sem você eu não teria condições emocionais de lutar, seguindo a vida e finalizando os ciclos que precisam ser fechados. Se não fossem vocês, eu não sei o que seria de mim, eu preciso de vocês eternamente. Amo todos!

Agradeço muito ao Professor Ubiratan, por tudo, pela paciência, compreensão, orientação, sinceridade e por sempre está disponível.

A pesquisadora Dr^a Sônia pelas orientações, pela disponibilidade em ajudar sempre, pelos livros emprestados (rsrsrs) e pela empolgação, que me envolveu.

A Dr^a Adriana pela paciência, pelos puxões de orelha, incentivo, pela pressão e por repeti tudo que eu já sabia toda semana, mas precisava ouvir de novo e de novo. Se não fosse você eu não conseguiria passar por todos os percalços que a vida me impõe. (rsrsrs)

Obrigada aos meus amigos da faculdade que dividiram risos, lágrimas, trabalho e muitas salas de aula! Valeu gente, Dhúlya, Renan, Ana Júlia, Tâmara, Vinícius e todos os outros. Eu sempre vou amar vocês.

Agradeço também à minha chefe e amiga, Jessica Jennifer pelo incentivo a finalizar esse trabalho, e por me liberar sempre que precisei. E aos meus colegas de trabalho que aliviam a tensão do ambiente estressante de trabalho com boas conversas e risadas. Amo todos.

Agradeço a todos os professores da universidade e os professores-orientadores das escolas parceiras que fizeram parte da minha formação como professora e como pessoa, Professor Guilherme do Colégio Aplicação e Professor Adones da Escola de Referência Eng. Lauro Diniz.

E obrigada a todas as pessoas que convivem e conviveram comigo, tem paciência comigo, todos contribuíram muito para a minha formação como pessoa e conseqüentemente para a produção deste trabalho.

RESUMO

Tendo em vista a importância de buscar novos paradigmas, conhecimentos, metodologias e práticas menos agressivas à natureza e à coletividade, especialmente diante das diversas catástrofes ocorridas no mundo, como degradações ambientais e sociais, que ressaltaram a necessidade de mudanças radicais no sistema explorador em que estamos inseridos, o avanço do pensamento crítico sobre a realidade é fundamental para a mudança. Com o incentivo em colaborar com o desenvolvimento do pensamento crítico através da explanação e análise de aspectos do atual contexto social, acreditamos ser de fundamental importância a tomada de consciência da realidade e da origem dos problemas para que seja possível pensar uma nova forma de existir, cocriando uma outra realidade mais justa. Para tanto, exploramos, então, através de um diálogo entre o ensino da Geografia e a Agroecologia a fim de analisar as lições que a Agroecologia tem para ensinar a Geografia e como o ensino da Geografia pode auxiliar na disseminação da Agroecologia, não só como modo de vida e interação com a natureza e a produção de alimentos, mas também como reforço revolucionário para mudanças radicais do/no sistema de exploração ao qual somos submetidos. Para tanto, realizamos levantamento bibliográfico que forneceu aporte teórico-conceitual para reflexões necessárias. Diante disso, constatamos a importância da Agroecologia como estratégia de resistência e paradigma revolucionário, no processo de ensino-aprendizagem da Geografia como impulsionador do pensamento crítico e conhecimento da realidade, o que legitima a Educação, em conjunto com a organização social e política, como arma revolucionária.

Palavras-chave: Agroecologia. Ensino da geografia. Educação. Revolução.

RESUMEN

Teniendo presente la importancia de buscar nuevos paradigmas, conocimientos, metodologías y prácticas menos agresivas con la naturaleza y la comunidad, especialmente ante las diversas catástrofes ocurridas en el mundo, como la degradación ambiental y social, que han resaltado, ante la necesidad de cambios radicales en el sistema explotador que estamos insertos, el avance del pensamiento crítico sobre la realidad es fundamental para el cambio. Motivados de colaborar con el desarrollo del pensamiento crítico a través de la explicación y análisis de aspectos del contexto social actual, creemos que es de fundamental importancia tomar conciencia de la realidad y el origen de los problemas para que sea posible pensar en una nueva forma de existir, cocreando otra realidad más justa. Por lo tanto, exploramos, a través de un diálogo entre la enseñanza de la Geografía y la Agroecología, con el fin de analizar las lecciones que la Agroecología tiene para enseñar a la Geografía y cómo la enseñanza de la Geografía puede ayudar en la difusión de la Agroecología, no solo como una forma de vida. e interacción con la naturaleza y la producción de alimentos, pero también como refuerzo revolucionario para cambios radicales en el sistema de explotación al que estamos sometidos. Para ello, realizamos un levantamiento bibliográfico que brindó sustento teórico y conceptual a las reflexiones necesarias. Ante esto, encontramos la importancia de la Agroecología como estrategia de resistencia y paradigma revolucionario, en el proceso de enseñanza-aprendizaje de la Geografía como motor del pensamiento crítico y del conocimiento de la realidad, que legitima la Educación, junto con la organización social y política, como arma revolucionaria.

Palabras Claves: Agroecología. Enseñanza de la geografía. Educación. Revolución

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2. DIÁLOGO DA GEOGRAFIA E AGROECOLOGIA ENQUANTO CIÊNCIAS	16
3. ENSINO DA GEOGRAFIA PARA ENTENDER O MUNDO.....	24
4. LIÇÕES DA AGROECOLOGIA AO ENSINO DA GEOGRAFIA COMO IMPULSIONADOR DO PARADIGMA REVOLUCIONÁRIO E EMANCIPADOR	32
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS.....	39

1 INTRODUÇÃO

As incontáveis catástrofes ocorridas no mundo, também e principalmente na área rural – degradações ambientais e sociais –, ressaltam a busca por novos paradigmas, conhecimentos, metodologias e práticas menos agressivos aos agroecossistemas, aos indivíduos e a coletividade.

Na busca por uma alternativa consistente, cujos conhecimentos sobre a agricultura sejam menos agressivos aos agroecossistemas e as pessoas, capazes de mudanças nos valores e percepções sobre os bens naturais e os seres vivente, rompendo com o desígnio da acumulação do capital, nasceu a Agroecologia. Que é proposta como capaz de dar suporte a estilos de agricultura mais respeitáveis, um novo paradigma para a sustentabilidade, como uma ferramenta de fortalecimento na organização econômica e social, como aborda Caporal e Costabeber (2004).

O enfoque agroecológico pode ser definido pela interdisciplinaridade de princípios e conceitos da Ecologia, Agronomia, Sociologia, Geografia e outras ciências fundidas com conhecimentos locais e saberes tradicionais resultando na expansão de novos saberes socioambientais. Em 2013, nos dedicamos a apresentar um diálogo entre a Agroecologia e Geografia, também em um trabalho de conclusão de curso, como recurso para obter o grau de bacharel, também pela Universidade Federal de Pernambuco referenciado por 'MOTA, 2013'. Naquele trabalho procuramos abordar o que é (e o que não é) Agroecologia e a Geografia e seus respectivos processos históricos e epistemologias. Neste presente trabalho tentaremos dar continuidade ao debate.

Relembramos que a Agroecologia pode ser entendida como técnica, movimento social, ciência e princípio filosófico rompendo com a perspectiva de ciência positivista que direciona a construção de conhecimento científico eurocentrado baseada numa construção de conhecimento de forma linear, acumulativo e matemático que nega os conhecimentos tradicionais e milenares construídos coletivamente.

A agroecologia requer, assim, uma abordagem integradora das formulações e métodos de diversas áreas do conhecimento, o que abre possibilidades, mediante diferentes e novas abordagens metodológicas, mas coloca também tensões e questionamentos a determinados aspectos da ciência positivista ou dominante. (GUHUR & SILVA, 2021, p. 395)

Mesmo fugindo de uma concepção ocidentalizada de ciência a Agroecologia está se consolidando institucionalmente, como a Geografia o fez: uma ciência tradicional, que se institucionalizou no século XIX. Atualmente existe a oferta de cursos de graduação, de formação agroecológica e núcleos de estudos agroecológicos, como os da UFRPE, UFRJ e tantas outras universidades respeitadas.

Como já tratamos deste diálogo há dez anos (MOTA, 2013) a Geografia como forma de pensar o espaço se relaciona com a Agroecologia porque ela também produz paisagem e consequentemente influencia no espaço geográfico. Propomos que as construções de novos conhecimentos e paradigmas contribuam para a construção das análises geográficas e o estabelecimento de diálogos com a agroecologia contribuindo com o desenvolvimento do campo de estudo da Geografia.

O espaço (geográfico) na Geografia é o principal objeto de estudo da ciência geográfica e, também, do ensino da disciplina de geografia, segundo Santos (2006) o espaço é a paisagem somada à vida que a anima. Sendo o espaço geográfico o indissociável sistema de objetos e ações. “O tema central da geografia não é separadamente os objetos, nem as ações, mas objetos e ações tomados em conjunto” (SANTOS, 2006 p.60).

A ciência geográfica, e aqui acrescentamos o ensino da geografia, se configuram como contribuição para a Agroecologia, e ela também, pode contribuir para o desenvolvimento da Geografia numa construção dialética. Dito isso, é importante destacar que todo tipo de mudança ou estagnação na política, no social, econômico, dos bens naturais e de qualquer outra categoria

de análise que atinge e influencia o espaço geográfico, atinge também os processos educativos, ou seja, têm influência sobre a escola e o ensino.

Dessa maneira, se manifestou o questionamento central deste trabalho: Quais as lições a Agroecologia, como paradigma alternativo à lógica mercadológica (capitalista), têm para ensinar a Geografia e como o ensino da geografia pode auxiliar na disseminação da Agroecologia, não só como paradigma respeitável na relação com o outro, o ambiente e a produção de alimentos, mas também como reforço revolucionário para a mudança radical do sistema explorador a que somos submetidos?

Com isso, pretendemos aprofundar o diálogo da Geografia e Agroecologia enquanto ciências. Como também, analisar o ensino da Geografia para leitura e compreensão do mundo, refletir sobre quais os ensinamentos que a Agroecologia traz como ciência e como paradigma quebrando com uma lógica eurocêntrica e colonial e por fim considerar sobre como a aprendizagem da Agroecologia no ensino da Geografia (na unidade temática sobre natureza, ambientes e qualidade de vida) pode contribuir para entender e ao mesmo tempo construir uma outra realidade.

Enquanto o desenvolvimento econômico, aqui entendido por acumulação de capital, for o discurso prioritário, e for o direcionador de tomadas de decisão política e fundamentando a Educação, em detrimento do bem estar social da coletividade, nada mudará.

Ao contrário, a situação de exploração e miséria da maioria da população do país só tende a piorar, pois já é observado a olho nu, e não só por pesquisadores e intelectuais¹, todas as consequências (em forma de desastres naturais, superexploração do trabalho, desmonte do sistema educacional, etc.) da pressão exploratória dos bens naturais - enquanto cobiçados como recursos naturais - e das pessoas. Por isso, através do que

¹ A exemplo de David Whyte, Sabrina Fernandes, Ricardo Antunes, Giovanni Alves, Marcelo Badaró Mattos, Danièle Linhart, Rafael Straforini dentre outros

podemos aprender com a Agroecologia, enquanto paradigma alternativo e revolucionário, planejamos construir um debate/diálogo fazendo levantamento de literaturas fornecendo aporte teórico-conceitual num esforço de contribuir para pensar e construir uma outra realidade.

Este trabalho propõe uma divisão em três capítulos: o primeiro dá continuidade ao diálogo da Geografia e Agroecologia enquanto ciências analisando não só as semelhanças, como na monografia de Mota (2013), mas também analisar os contrapontos e embates que as duas ciências apresentam.

Dez anos depois², observamos uma forte influência colonial e eurocentrada de percepção da construção da ciência, o que influenciou para uma análise e um debate numa perspectiva superficial. Contudo, após alguns anos de amadurecimento das reflexões, podemos fazer uma avaliação um pouco mais decolonial e a tentativa de uma análise mais material do diálogo entre as ciências.

O segundo capítulo tratara sobre ensino da Geografia para entender o mundo, o ensino que nos dizem ser o ideal, o ensino que temos e qual o ensino queremos, tanto nos anos iniciais da educação básica, quanto no ensino superior. O objetivo do ensino da Geografia, de forma geral, é construir a compreensão do espaço geográfico, e outros conceitos, fomentando o 'entender o mundo e o lugar', de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

O terceiro capítulo caberá como resultado dessa pesquisa, numa tentativa de reunir os principais ensinamentos expostos nos dois primeiros capítulos. Assim, tentaremos responder o questionamento central que impulsionou este trabalho falando sobre as lições que a Agroecologia (o saber agroecológico) traz para a Geografia, enquanto ciência e fundamento

² MOTA, Camila Lucena. Agroecologia e Geografia: um diálogo possível. (Trabalho de Conclusão de Curso) – curso de bacharelado em Geografia - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

educacional, como resistência e paradigma revolucionário. E como o ensino da geografia se caracteriza como impulsionador da Agroecologia e dos saberes agroecológicos como fatores educativos libertários contribuindo para uma mudança da realidade.

2. DIÁLOGO DA GEOGRAFIA E AGROECOLOGIA ENQUANTO CIÊNCIAS

Cada vez mais as contradições do sistema capitalista se tornam evidentes forçando a classe trabalhadora a questionamentos básicos sobre o sistema em que estamos inseridos.

As diversas catástrofes ocorridas no mundo, especialmente na área rural, que incluem degradações ambientais e sociais, evidenciam a necessidade de se buscar novos paradigmas, conhecimentos, metodologias e práticas menos agressivas aos agroecossistemas, aos indivíduos e à coletividade. Esses eventos e a evidente exploração humana e ambiental também ressaltam a importância do papel das ciências na preservação e no avanço do pensamento crítico sobre a realidade.

Os sistemas agrícolas convencionais e a modernização da agricultura, como a Revolução verde, voltado para a maximização da produção, imediatismo e maximização de lucros foi instaurado com o discurso de aumentar a produção de alimentos para sanar a problemática da fome, e claramente falhou, vide o agravamento da fome na população global, segundo a FAO (2022). Não por falta de alimentos, mas por falta de interesse da classe produtora, visto que seu principal objetivo é o lucro.

Ao mesmo tempo que a fome é agravada, onde mais de 33 milhões de pessoas em situação de fome no Brasil, segundo o relatório do PENSSAN (Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional, 2022), temos recordes de produção de alimentos no mundo nas últimas décadas, só na safra de 2022/2023 a produção de grãos no Brasil poderá atingir 315,8 milhões de toneladas, segundo a Conab (Companhia Nacional de Abastecimento, 2023). E segundo a FAO (2022) o mundo já é capaz de produzir mais do que o necessário para atender a demanda global por alimento.

Em vista disso, a agricultura convencional falhou não só na proposta de “alimentar o mundo”, mas também na incapacidade de enfrentar e resolver as crises criadas por ela mesma.

Na busca por uma alternativa consistente, cujos conhecimentos sobre a agricultura sejam menos agressivos aos agroecossistemas e às pessoas, capazes de mudanças nos valores e percepções sobre os bens naturais e os seres vivente, rompendo com o desígnio da acumulação do capital, nasceu a Agroecologia³. Que é proposta como capaz de dar suporte a estilos de agricultura mais respeitáveis, um novo paradigma na busca de uma sustentabilidade, como uma ferramenta de fortalecimento na organização econômica e social, como explana Caporal e Costabeber (2004).

O enfoque agroecológico pode ser definido pela interdisciplinaridade de princípios e conceitos da Ecologia, Agronomia, Sociologia, Geografia e outras ciências agregadas a conhecimentos locais e saberes tradicionais, resultando na expansão de novos saberes socioambientais e entendimento sobre a realidade.

A Agroecologia pode ser entendida como técnica, movimento social, ciência e princípio filosófico rompendo com a perspectiva de ciência positivista que direciona a construção de conhecimento científico eurocentrado baseada numa construção de conhecimento de forma linear, acumulativo e matemático que nega os conhecimentos tradicionais e milenares construídos coletivamente.

Mesmo não seguindo uma concepção ocidentalizada de ciência a Agroecologia está se consolidando institucionalmente. Há a oferta de cursos de nível médio, técnico, de graduação, de formação agroecológica, bem como, núcleos de estudos agroecológicos, como os da na UFRPE, UFRJ, Institutos Federais (IFs) e tantas outras universidades respeitadas.

Vêm crescendo o número de publicações, eventos e de cursos sobre Agroecologia que surgiram no Brasil, a partir dos anos 1990.

Deste modo, mais rapidamente do que muitos esperavam, o paradigma agroecológico vem ganhando corpo e se fortalecendo

³ Em Mota (2013) detalhamos mais o surgimento da Agroecologia

através das redes de relações que se formam tanto na sociedade civil como nos meios acadêmicos e técnico-científicos e cujos membros compartilham alguns dos elementos epistemológicos que são chave na ciência agroecológica (CAPORAL, 2009a p.6).

Além disso, observamos a criação de escolas de ensino básico construídas coletivamente, através de muita luta, com a agroecologia como base fundamental, como no caso da Escola Milton Santos de Agroecologia (EMS). A EMS é um Centro de Educação em Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável dos Movimentos Sociais Populares do Campo, criada em 10 de junho de 2002, em área cedida pela Prefeitura Municipal de Maringá no Paraná.

Conforme o levantamento feito por BALLA et.al. já em 2013 foi identificado “136 cursos em funcionamento, sendo 108 cursos de nível técnico, 24 cursos de graduação e 4 cursos de pós-graduação stricto sensu.” Além disso, O site do Agroecologia em Rede <<https://agroecologiaemrede.org.br/>> através do Projeto de Sistematização de Experiências, incentivado pela Associação Brasileira de Agroecologia a ABA-Agroecologia, entre 2015 a 2017, identificou mais de 120 Núcleos de Estudos em Agroecologia no Brasil. Núcleos que integram pesquisa, ensino e extensão em Agroecologia.

Em contrapartida, verificamos, em pesquisa rápida na internet, que há cursos de agroecologia oferecidos por instituições que visam o lucro e o mercado como objetivo do curso. O alerta que fazemos é que a Agroecologia não se distancie de sua origem e se contraponha a cooptação pela ideologia⁴ neoliberal⁵ dominante. A Agroecologia, em essência, discursa justamente o contrário: nem tudo é sobre o mercado ou sobre lucro.

⁴ Para saber mais do tema: CHAUI, Marilena de Souza. **O que é ideologia**. 25. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

⁵ O termo *ideologia neoliberal* ou *discurso neoliberal* ou *lógica neoliberal* é de uso bastante recorrente e que pode se esvaziar em seu sentido prático, então devemos aqui esclarecer que o entendemos para além da perspectiva econômica, mas também como uma construção político-social, cultural e jurídica que seria a mercantilização da vida como elemento

O processo histórico de utilização da ciência geográfica como ferramenta científica de dominação do território e seus povos merecem uma atenção ao desenvolvimento da Agroecologia, algo a não ser seguido. A Geografia Nova ou Crítica já quebra com o discurso dominante e, também, com o uso da ciência como justificador e auxiliar na dominação do mundo pela classe hegemônica.

Porém, a Geografia demorou séculos para chegar ao patamar de quebrar com uma epistemologia embranquecida, e a Agroecologia já tem a vantagem de nascer com o olhar para os conhecimentos e 'ciências' de povos historicamente apagados, como os camponeses, indígenas, quilombolas. É preciso se manter firme ao propósito crítico e revolucionário na construção da ciência agroecológica.

E mesmo assim, observamos que a ciência geográfica, de forma geral, e a ensinada nas universidades, ainda nos dias de hoje, culmina por perpetuar uma lógica neoliberal, que dita as formas de controle do trabalho, das ciências e do uso dos bens naturais, reproduzindo modelos de racionalidade capitalista e colonial. Lamentavelmente, mesmo com o desenvolvimento de uma Geografia Crítica, a práxis da ciência geográfica, enquanto pesquisa e ciência e enquanto ensino universitário e da educação básica, é expressa na competitividade, individualidade, na lógica do mercado e não faz a crítica na raiz das desigualdades e injustiças do mundo.

Queremos acreditar que por conta disso, Milton Santos nos presenteou com sua contribuição à ciência geográfica, revelando-a uma ciência humana, no sentido de ser humano, uma Geografia cidadã, pensando uma Geografia através das dinâmicas ativas do/no território e das desigualdades produzidas

organizador da sociedade, ou seja, a lógica neoliberal transforma as concepções de todas as esferas sociais e os aspectos da vida a partir de uma lógica mercantil, tornando tudo uma mercadoria. Para aprofundar o tema: Harvey, D. em **O neoliberalismo: História e implicações**; ANDRADE, D. em **O que é o neoliberalismo? A renovação do debate nas ciências sociais**; Chomsky, N. **O lucro ou as pessoas? Neoliberalismo e ordem global** dentre outros.

nele e por ele. Uma Geografia que não fica centrada num olhar colonialista eurocêntrico, para tanto “devemos lutar por uma universidade não atrelada ao mercado” (ELIAS, 2003. p. 133) num exercício decolonial constante.

Como já tratamos deste diálogo há dez anos (MOTA, 2013) já debatíamos sobre a consolidação da Geografia, enquanto ciência tradicional, que se institucionalizou no século XIX através da criação de cursos formais em grandes universidades. O que não tratamos em 2013, mas que é importante reforçar é que a institucionalização da Geografia esteve ligada a dominação territorial e a toda a violência atrelada a esse objetivo, já que quem tinha acesso ao conhecimento sistematizado eram pensadores e representantes da classe dominante – classe que notadamente se beneficia com a exploração da classe trabalhadora e dos bens naturais para acumulação de capital e de poder.

Debatemos também que a Geografia, ciência do espaço e para pensar o espaço, se relaciona com a Agroecologia porque esta, enquanto diálogo de saberes, entre a ciência e saberes e práticas locais, também produz paisagens, dinamizando os territórios usados e influenciando no espaço geográfico (objeto de estudo da Geografia).

Então, propomos, em Mota (2013), que as construções de diferentes conhecimentos e paradigmas - contrárias a lógica do capital - contribuam para a construção das análises geográficas sobre o espaço, e o estabelecimento de diálogos com a Agroecologia ampliando seus campos de estudo e para evolução das duas ciências. Como também, a Geografia contribua com o desenvolvimento da Agroecologia enquanto ciência através do compartilhamento de conceitos caros à rigidez científica, como o conceito de território, de campesinato, de espaço etc., pois é através dos conceitos que podemos construir interações dialógicas entre as ciências.

Com isso, a contribuição da complexidade do conceito de espaço geográfico, território, paisagem, meio, dentre outros, dão sentido e ferramentas para a construção do conhecimento científico. Ao colocar luz sobre ideias

abstratas, ou não, transformando-as em conceito há, então, a possibilidade de desenvolver conhecimentos.

A professora Maria Adélia de Souza (2023) defende que as outras ciências interessam a Geografia como contribuintes nas explicações sobre a humanidade(s) que vive na superfície da Terra, ou seja, da humanidade usando os territórios. Elas colaboram para a compreensão das dinâmicas que acontecem no espaço geográfico enquanto instância social.

No trabalho do professor Milton Santos, ele revisita todos os conceitos que integram a Geografia, propondo um novo edifício teórico-metodológico apresentando-se de suma importância, não apenas à ciência geográfica, com a formação da corrente crítica, mas às ciências humanas, ciências sociais e trabalhos empíricos, que estudam a sociedade enquanto existem na superfície do planeta.

Temos, então, na Agroecologia, também como uma ciência social e humana - contrária ao atual modelo de desenvolvimento capitalista no campo e na cidade, construída por várias bases científicas e saberes locais e tradicionais - como auxiliar na compreensão das dinâmicas das dimensões sociais, econômicas e culturais, bem como, na formação territorial dos espaços.

Ainda que possa parecer demasiado filosófico, nunca é demais enfatizar que a Agroecologia tem como um de seus princípios a questão da ética, tanto no sentido estrito, de uma nova relação com o outro, isto é, entre os seres humanos, como no sentido mais amplo da intervenção humana no meio ambiente. Ou seja, como nossa ação ou omissão podem afetar positiva e/ou negativamente a outras pessoas, aos animais ou à natureza. [...] Os “outros”, neste caso, incluem, necessariamente, as futuras gerações humanas, significando que a ética ambiental tem que ter uma solidariedade inter e intrageracional (CAPORAL et al. 2006 p. 47).

O espaço geográfico, como o único objeto de estudos da Geografia, sendo o indissociável e contraditórios sistemas de objetos e sistemas de ações,

segundo Maria Adélia de Souza (2023), revoluciona o estudo sobre o espaço e sobre a compressão das dinâmicas territoriais e construção das paisagens, porta de entrada para o trabalho do geógrafo.

O que não conseguimos aprofundar em Mota (2013) é que a epistemologia da Geografia Nova, a Miltoniana, é um levante contra terminologias e ideias importadas de uma geografia eurocêntrica. Ele, o professor Milton Santos, sempre esteve interessado na construção de um conjunto de conceitos que atendesse a Geografia enquanto ativa na transformação social, diz Souza (2023), o que possibilita situarmos a Agroecologia como contribuição – nesse projeto de transformação social.

Importante mencionar que a Geografia Crítica se expressou a partir da década de 1960, através de grupos de leitura em várias universidades estadunidense, analisando as obras de Marx e Engels. A filosofia marxista embasa os interesses da geografia crítica pelos modos de produção e as formações socioeconômicas, indicando e incentivando a luta de classes. (ANDRADE, 2008).

Os trabalhos de David Harvey, como outro exemplo de autor da corrente crítica, são expressivos dessa orientação marxista, foi um marco teórico para a análise marxista do espaço urbano, antes, foi protagonista da Geografia Teórica e criticou suas próprias produções anteriores, o que ratifica ainda mais a práxis do materialismo-dialético marxiano, como explica Christofolletti, (1982) e Andrade (2008).

Além desses, vários geógrafos franceses interessaram-se pelo marxismo, como J. Tricart, Pierre George, Michael Rochefort, Bernard Kayser, Yves Lacoste. Outro autor importante para a Geografia crítica foi Richard Peet, tinha orientação anarquista e influência de Kropotkin e Reclus. E William Bunge, que também, contribuiu com os estudos críticos, com uma linha mais popular, com contato com as populações, orientando-as a solucionar seus problemas e planejar suas reivindicações, em Christofolletti, (1982).

E não coincidentemente o (re)surgimento da Agroecologia, enquanto paradigma, é contemporânea à da criação da Geografia Crítica. A expansão do capitalismo e da “globalização como perversidade” (SANTOS, 2001) e todas as suas consequências - principalmente para os povos originários, historicamente fragilizados - estimulou algumas ciências e pesquisadores na busca por soluções e a busca pela raiz do problema.

A relação da Agroecologia e da Geografia tem por centralidade o desenvolvimento da formação crítico-emancipatória dos sujeitos sociais e a compreensão - e busca de soluções - das mazelas do mundo em perspectiva da totalidade da vida material. Produzindo diálogo entre o conhecimento científico e o popular, crítico e libertário, que extrapolam os limites do campo e da cidade visando à construção de um novo modo de produção e de um novo modo de vida.

Portanto, como sempre diz a professora Maria Adélia (2023): as ciências humanas têm o dever de preservar e fazer avançar o pensamento crítico, porque sem ele nós não compreenderíamos a humanidade e suas dinâmicas somente vivendo.

Diante do exposto, podemos entender que não há processo de construção do conhecimento empreendido isoladamente, é preciso referenciar sempre a totalidade das coisas e as relações dos objetos e ações envolvidas, até para o exercício da nossa existência individual e coletiva - é refletir para agir.

3. ENSINO DA GEOGRAFIA PARA ENTENDER O MUNDO

“O saber ou a técnica, por competentes que sejam, nada significam, se não se perguntam para que e para quem existem e operam, se não se perguntam a quem servem, se não se perguntam se há conivência do sábio com o cobiçoso.” Darcy Ribeiro na UnB em 1985

Darcy Ribeiro em seu discurso na reabertura da Universidade de Brasília (Unb) pós Ditadura Militar, em 1985, provoca a reflexão em sua audiência e ao povo brasileiro: A quem serve a Educação brasileira? Para quê e para quem operam os saberes e as técnicas? Somos coniventes com a situação de atraso do nosso povo? Mesmo sendo o povo que produz e constrói esse país?

Ribeiro (1985) argumenta em resposta a esses questionamentos nesse discurso e na sua práxis, mas infelizmente, ainda hoje, não riscamos nem a superfície desse tema. Ainda temos muito o que debater a fim de responder essas perguntas, debater e fazer novos questionamentos, e, além disso, precisamos fazê-los destemidamente, mas não só refletir, como também agir destemidamente. Por vezes, mexer em crenças tão bem enraizadas causam medo, mas, para corrigirmos os nossos erros, é preciso primeiro reconhecê-los.

E como Ribeiro (1985) já alertava que nós, universitários, somos coniventes com o atraso do povo brasileiro. “Somos coniventes com o projeto que fez de nós um povo de segunda classe, dentro da civilização a que pertencemos.” Do que adianta todos os saberes científicos se não conseguimos difundir um empoderamento ao nosso povo? Através do qual os trabalhadores possam, em cooperação, lutar e avançar pela igualdade e justiça, e não apenas resistir e sobreviver?

“A verdade verdadeira é que [o] discurso das classes dominantes constitui um dos mecanismos de manutenção do Brasil na miséria e no atraso. Ele é uma das causas, um dos fatores intelectuais, desse nosso país não ter dado certo ou ainda não ter dado certo. Coactado que foi desde sempre nas realizações de sua potencialidade, dentro das várias civilizações em que esteve

integrado, o Brasil cresceu deformado, aleijado, enfermo.” (RIBEIRO, 1985 in: MAURÍCIO, 2018 p.260)

Por isso a educação precisa ser do povo e para o povo, e para isso é preciso coragem. Coragem para saber que a Educação serve a classe dominante que só tem o objetivo de lucrar e acumular capital e poder em detrimento de toda a população e coragem para resistir, para disputar e para superar o paradigma hegemônico vigente. O questionamento é: até quando a educação servirá a classe dominante? Até quando seremos uma massa de proletários que servem ao mercado?

Infelizmente, não conseguiremos responder esses questionamentos, mas podemos nos dedicar na busca de uma superação do modelo atual, com esperança, do verbo esperar e não apenas esperar, como diferencia Paulo Freire.

Para isso, é necessário entender que educação é prática social, como diz Brandão (2007), e que envolve não apenas o processo de construção de conhecimentos, mas também a construção de valores, identidades, atitudes e habilidades que ajudam as pessoas a se desenvolverem e se tornarem membros produtivos e conscientes e críticos da sociedade. Brandão (2007) argumenta que a educação é um processo contínuo e complexo que deve ser uma prática de libertação e emancipação, capaz de promover a reflexão crítica e a transformação social.

E mais importante ainda, é entender e reconhecer que a educação por si só não pode resolver todos os problemas da sociedade, visto que ela reflete as relações de poder e as contradições da sociedade em que está inserida. Além disso, se a Educação não é crítica, emancipadora e transformadora, ela é parte do problema, ou seja, ela é reprodutora de desigualdades e ferramenta de opressão de raça, de gênero e de classe.

Sendo assim, a educação não pode ser vista como panaceia, e sim, uma categoria social e subjetiva como forma de reproduzir os valores e ideologias da classe dominante e perpetuação de um sistema opressor.

Por isso, a luta de classes é refletida na educação e, ao mesmo tempo, a educação é um instrumento de luta de classes. Isso significa que as relações sociais de poder e as contradições da sociedade em que estamos inseridos são refletidas na educação, influenciando também no que é ensinado, como é ensinado e para quem é ensinado.

Ao mesmo tempo, a educação pode ser utilizada como um instrumento para a luta de classes, ou seja, pode ser uma ferramenta para conscientizar e organizar a classe trabalhadora em busca de seus direitos e de uma sociedade mais justa e igualitária, invertendo assim a dominação social, no qual a classe trabalhadora seria priorizada em todas as instâncias sociais. Sendo assim, a relação entre educação e luta de classes é dialética, ou seja, ambas se influenciam e se transformam mutuamente.

Portanto, seguimos na linha de pensamento de Freire (2018) que argumenta que a educação pode ser uma ferramenta poderosa para promover a conscientização e a ação transformadora e prática de libertação, mas também reconhece que a mudança social requer mudanças sistêmicas mais profundas.

E no discurso de Karl Marx na Associação Internacional dos Trabalhadores, em 1869, no qual ele afirma que:

Por um lado, uma transformação das circunstâncias sociais é exigida para se estabelecer um sistema de educação apropriado; por outro, um sistema de educação apropriado é exigido para fazer surgir uma transformação das circunstâncias sociais. Nós devemos começar, então, por onde estamos. (MARX, 1869 In MEDEIROS, 2021)

E onde estamos hoje, na educação e no ensino? Hoje, como desde a formação da república, ainda temos um sistema educacional domesticador e opressor com bases racistas, machistas e classista. Macedo (2004) argumenta que a educação, ao invés de ser um instrumento para libertar os indivíduos e promover a autonomia, muitas vezes é usada para moldá-los e subjugar-los aos

interesses do Estado e da classe dominante, sendo importante destacar que no Brasil essa classe dominante é herdeira dos colonizadores escravocratas.

Quando se fala de Educação, naturalmente se pensa em ensino. Como Educação é prática social e política - é ação - o ensinar é um formato de promover Educação institucionalmente. O ensino é um processo educacional que envolve a construção de conhecimentos, habilidades e valores, regulamentados pelo Estado.

O que está posto atualmente na BNCC (Base Nacional Comum Curricular, 2018) é que ensino de geografia é produzido e pautado em duas grandes vertentes: pensamento espacial (lógica espacial) e o raciocínio geográfico. Incluindo nessa perspectiva, como trata Straforini (2018), o objetivo é capacitar os alunos a se tornarem cidadãos comprometidos com a justiça e a igualdade social, por meio de uma reflexão crítica sobre os fenômenos e eventos espaciais e fenômenos em todas as suas escalas de análise, ou seja, considerando tanto o que está próximo (local) quanto o que está distante (global), como partes integrantes de um todo indissociável.

E como define Straforini (2004):

O papel da Educação e, dentro dessa, o do ensino de Geografia é trazer à tona as condições necessárias para a evidenciação das contradições da sociedade a partir do espaço, para que no seu entendimento e esclarecimento possa surgir um inconformismo com o presente e, a partir daí, uma outra possibilidade para a condição da existência humana. (STRAFORINI, 2004 p.56)

Isso é o que nos dizem que deveria ser o ensino da geografia, e assim como Milton Santos questionou a narrativa única da globalização, tratando-a “como fabula, como perversidade e como possibilidade”, no livro “Por uma outra Globalização” (2001), é importante também repensarmos o ensino da geografia e seu papel na educação a partir dos questionamentos: O que nos dizem que deveria ser o ensino da geografia? O que realmente é o ensino da Geografia? O que queremos que seja o ensino da Geografia?

A realidade do ensino de geografia praticado muitas vezes, é o ensino reduzido, tendo a geografia como uma disciplina meramente descritiva e sem reflexão crítica sobre as questões sociais, negativas, políticas e ambientais que envolvem o espaço geográfico, principalmente nos anos iniciais da educação básica, como trata Mordente (2020).

Os alunos são bombardeados com informações decoradas sem uma compreensão real do que está sendo estudado, sem conseguir diferenciar o todo da parte e vice-versa. Além disso, a ênfase em conteúdos técnicos, como mapas e gráficos, acaba sendo mais importante do que uma reflexão sobre as desigualdades sociais dentro e entre os países.

Mas como Darcy Ribeiro constantemente denunciava: que a crise da educação do Brasil é projeto, ou seja, a precarização da educação é interessante para alguém, e claramente esse alguém não é a população. O exemplo mais visceral que temos hoje é o Novo Ensino Médio (NEM) instituída a partir de medida provisória, sem diálogo com a sociedade civil, proposta pelo governo ilegítimo de Michel Temer, em 2017, que teve como justificativa a necessidade de modernizar o ensino médio brasileiro e adequá-lo às demandas do mercado de trabalho retirando a obrigatoriedade de disciplinas como Geografia, História, Sociologia e Filosofia.

Além da falta de disciplinas que tem em sua essência auxiliar no desenvolvimento social, político e crítico dos estudantes, transformando-os em cidadãos conscientes das estruturas em que vivemos, essa “contrarreforma”, de caráter neoliberal, alimenta a individualização e auto gestores dos seus “sucessos e fracassos” em detrimento da cooperação.

A partir dessa perspectiva neoliberal, ultra individualista^{8/}, a escola é submetida a lógica econômica reproduzindo a lógica do mercado, e a educação passa da categoria de direito para se tornar mercadoria, se torna um bem privado que pode ser ofertado e “escolhido” baseado no quanto se pode pagar. E para atender as exigências do mercado, elas – a escola e a educação - invertem seus objetivos e passam a buscar o modelo da empresa privada,

voltado para a lógica do lucro, da produtividade a qualquer custo, da rentabilidade, da eficiência, que produzem indivíduos para serem microempresas e empreendedores de si, ignorando inclusive o desenvolvimento emocional dos estudantes, como analisado por Mordente (2020).

Um sistema pautado na individualização, na meritocracia e que ignora os múltiplos fatores sociais, políticos, históricos, espaciais, culturais, etc. tudo isso alinhado com a lógica do mercado privado que imputam no indivíduo toda a responsabilização pelo que é considerado sucesso ou fracasso, é justamente a prática do discurso neoliberal que mira no esvaziamento e enfraquecimento da mobilização popular e coletiva, mascarado com discurso e propaganda de modernidade e desenvolvimento.

Retomando Marx (1869), precisamos partir de onde estamos hoje e estamos chegando próximo a um ponto de não retorno. Mantendo esse plano de precarização baseado nesse discurso individualizante e individualizador podemos chegar numa conjuntura na qual perderíamos por completo a consciência de cooperação e de luta política e social na busca por justiça e melhores condições para toda a população, pois já a temos bem enfraquecida, e seríamos uma massa ideal a ser explorada e expropriada.

E o que queremos que seja o ensino da geografia? Queremos que tenha uma abordagem crítica, reflexiva e emancipatória que permita aos estudantes compreenderem a realidade na qual estão inseridos, confrontando as contradições ideológicas com a materialidade, como também, questionando as relações de poder, a desigualdade social e os problemas ambientais.

Isso implica, também, em pensar na construção de métodos e ferramentas que incentivem a participação e a autonomia dos alunos, tanto nas questões escolares, mas principalmente nos envolvimento políticos e sociais, proporcionando uma visão crítica da realidade. O ensino da geografia deve estar comprometido com a formação de cidadãos críticos e conscientes de seu papel na sociedade.

Portanto, entendemos que o papel do ensino da geografia e dos que fazem o ensino da geografia é auxiliar aos explorados na construção e desenvolvimento da tomada de consciência da condição de classe e da sua missão de transformar a própria realidade, como quebra da subordinação passiva e alienada dos indivíduos ao tipo de sociabilidade imposta pelo capital.

Nesse sentido, ensinar geografia é ensinar a ler o mundo para poder transformá-lo e alcançar uma maior autonomia crítica. Por isso, é importante, também, reivindicar o ensino público, gratuito e de qualidade, não como uma condição imediata para a revolução⁶, mas como uma conquista de condições sociais vantajosas para a obtenção da autonomia crítica da classe trabalhadora.

E como defendeu Freire (2018):

O fundamental, por isto, insiste o bispo, é que eles devem chegar a ser “proprietários e não vendedores de seu trabalho”, porque “toda compra ou venda do trabalho é uma espécie de escravidão”. Ter a consciência crítica de que é preciso ser o proprietário de seu trabalho e de que “este constitui uma parte da pessoa humana” e que a “pessoa humana não pode ser vendida nem se vender” é dar um passo mais além das soluções paliativas e enganosas. É inscrever-se numa ação de verdadeira transformação da realidade para, humanizando-a, humanizar os homens. (FREIRE, 2018. p. 251)

Dessa forma, é fundamental repensar a forma como ensinamos geografia. É preciso superar a visão utilitarista, descritiva e individualizadora

⁶ Aqui entendida como uma ruptura com a ordem institucional burguesa, que visa a ascensão do poder popular e a derrubada da hegemonia a classe dominante atual. Como também, nos baseamos na definição de Guerreiro Ramos no livro **Mito e verdade da Revolução brasileira** de 1963: “Revolução é o movimento, subjetivo e objetivo, em que uma classe ou coalizão de classes, em nome dos interesses gerais, segundo as possibilidades concretas de cada momento, modifica ou suprime a situação presente, determinando mudança de atitude no exercício do poder pelos atuais titulares e/ou impondo o advento de novos mandatários.” (GUERREIRO RAMOS, 1963. p. 30).

adotada, e no lugar desta, buscar uma abordagem cooperativista, crítica, reflexiva e emancipatória. Somente assim, podemos auxiliar na formação de cidadãos capazes de transformar a realidade em que vivemos, construindo um mundo mais justo e sustentável.

4. LIÇÕES DA AGROECOLOGIA AO ENSINO DA GEOGRAFIA COMO IMPULSIONADOR DO PARADIGMA REVOLUCIONÁRIO E EMANCIPADOR

“O objetivo central dos que lutam contra a sociedade mercantil, a alienação e a intolerância é a emancipação humana.” (SADER in MÉSZÁROS, 2012 p. 26) Esse é o ponto central de confluência da Agroecologia e do que gostaríamos que fosse a educação, e principalmente o ensino da Geografia. Seria a construção de “um pensamento educacional contra hegemônico” que tenha plenos poderes de combater a internalização e a consciência de subordinação dos valores mercantis “utilizando” uma teoria e práxis educativa emancipadora. (FRIGOTTO in MÉSZÁROS, 2012).

Uma educação plena, universal, continuada e permanente, na busca da superação do capital, deve andar lado a lado à organização da classe trabalhadora objetivando uma transformação radical do atual modelo econômico, jurídico, social e político hegemônico, pensado e praticado como projeto de poder capitalista estruturado no racismo, no poder patriarcal, e na dependência e submissão colonial.

A Geografia e a Agroecologia são áreas do conhecimento que se relacionam de forma estreita e complementar, pois ambas buscam compreender as interações entre os seres humanos e o ambiente, bem como as formas de produção e consumo que respeitem a diversidade dos agroecossistemas, da diversidade social e cultural. A Agroecologia é uma proposta de agricultura sustentável que integra os saberes científicos e tradicionais, valorizando os conhecimentos locais e as práticas não degradantes praticadas e desenvolvidas pelos agricultores familiares e povos tradicionais.

Algumas das principais lições aprendidas com a Agroecologia são: a valorização da diversidade cultural e biológica; a construção coletiva do conhecimento; a articulação entre teoria e prática; a participação popular e o protagonismo dos sujeitos; a solidariedade e a cooperação entre os movimentos sociais; e a defesa da vida e da terra como bens comuns.

A Geografia, por sua vez, contribui para a análise dos diferentes modelos de apropriação do espaço geográfico, do espaço agrário, suas implicações socioambientais e suas possibilidades de transformação. E Geografia, enquanto ciência e disciplina, se torna ferramenta/instrumento de conhecimento rigoroso da realidade, atitude *sine qua non* para qualquer tentativa de mudança sócio-política. É dentro das instituições burguesas que a luta e a disputa pela hegemonia devem acontecer.

A educação institucionalizada, especialmente nos últimos 150 anos, serviu – no seu todo – ao propósito de não só fornecer os conhecimentos e ao pessoal necessários à máquina produtiva em expansão do sistema do capital, como também gerar e transmitir um quadro de valores que legitima os interesses dominantes, como se não pudesse haver nenhuma alternativa à gestão da sociedade, seja na forma “internalizada” (isto é, pelos indivíduos devidamente “educados” e aceitos) ou através de uma dominação estrutural e uma subordinação hierárquica e implacavelmente imposta. (MÉSZÁROS, 2012 p. 52)

A Agroecologia pode aprender com a Geografia a sempre observar o discurso e a prática ideologia que está inserida, na tentativa de sempre evitar reproduzir e defender a lógica do capital. Se percebemos a Agroecologia como forma de resistência à mercantilização das relações humanas e com o ambiente, podemos percebê-la como uma proposta de solução para uma mudança na consciência da classe dominada, dentre tantas outras soluções e instrumentos. Por isso, assim como Mézszáros (2012), alertamos que “As soluções educacionais formais, mesmo algumas das maiores, e mesmo quando são sacramentadas pela lei, podem ser completamente invertidas, desde que a lógica do capital permaneça intacta como quadro de referências orientador da sociedade.” (MÉSZÁROS, 2012 p. 52)

Como Mézszáros (2012 p.52) destaca o que a epígrafe de Jose Martí, intelectual e um dos heróis da libertação Cubana, diz: “as soluções não podem ser apenas formais, elas devem ser essenciais” e completamos dizendo que elas devem ser, principalmente, estruturais.

Nesse sentido, a Geografia e a Agroecologia têm pontos em comum que podem e devem favorecer a emancipação humana, entendida como a capacidade dos sujeitos de participarem ativamente das decisões que afetam suas vidas e o meio em que vivem. A Agroecologia pode ser vista como uma forma de resistência e de paradigma revolucionário frente ao modelo hegemônico da industrialização e capitalização da agricultura, baseada majoritariamente na monocultura, no uso intensivo de insumos químicos e na exploração dos recursos naturais.

A Agroecologia propõe uma mudança radical na forma de produzir e consumir alimentos, valorizando a diversidade, a autonomia, a cooperação e a solidariedade entre os agricultores/produtores e os consumidores. A Geografia, por sua vez, pode fornecer ferramentas conceituais e metodológicas para compreender as dinâmicas territoriais, as escalas geográficas e, principalmente, as relações de poder que envolvem os sistemas agroalimentares. A Geografia deve também estimular uma visão crítica e reflexiva sobre os impactos da agricultura industrial na sociedade e no ambiente, bem como sobre as alternativas agroecológicas existentes ou possíveis.

A agroecologia também pode contribuir para o ensino da geografia, pois ela estimula uma visão crítica e reflexiva sobre o espaço agrário, valoriza os conhecimentos locais e tradicionais, e promove a participação social e a cidadania dos agricultores familiares, dos povos tradicionais e dos consumidores.

Ambas as ciências oferecem elementos para questionar o modelo dominante de desenvolvimento rural e urbano - principalmente esta falsa dicotomia entre campo e cidade, rural e urbano -, baseado na exploração da natureza e dos trabalhadores, e para construir novas formas de relação entre os seres humanos e o ambiente, baseadas na sustentabilidade, na justiça social e na verdadeira democracia. E como popularizou Lenin (1902), temos sempre que analisar concretamente as situações e a realidade material concreta, conhecendo a fundo a nossa própria realidade e a partir daí, com a

apreensão da teoria revolucionária pelos estudos, teremos uma ação revolucionária.

Ao mesmo passo que o ensino da geografia, enquanto disciplina da educação básica, pode auxiliar na disseminação da Agroecologia e no desenvolvimento da aprendizagem sobre respeito a diversidade social, cultural e ambiental dos diferentes territórios, compreensão das relações entre o homem e o meio, dos diferentes modelos de apropriação do espaço rural, das formas de produção de alimentos e os impactos socioambientais das atividades agrícolas e humanas. Consideramos, também, que a aprendizagem sobre Agroecologia no ensino da Geografia (na unidade temática sobre natureza, ambientes e qualidade de vida da Base Nacional Comum Curricular) pode contribuir para entender e, ao mesmo tempo, construir uma outra realidade e como reforço revolucionário para a mudança radical do sistema explorador a que somos submetidos.

Ao aprender sobre Agroecologia, os estudantes de Geografia podem compreender melhor as relações entre o homem e natureza, rural e urbano, os impactos das atividades humanas sobre o meio e as alternativas sustentáveis de uso dos recursos naturais.

E para além disso, a Agroecologia estimula a participação social e a valorização dos saberes locais, promovendo a autonomia e a emancipação dos agricultores familiares e dos povos tradicionais demonstrando na prática o potencial da organização e do poder popular. Assim, a aprendizagem sobre Agroecologia no ensino da Geografia pode contribuir para construir uma outra realidade, mais justa, solidária e equilibrada, em que o homem e a natureza convivam harmoniosamente.

Entendemos que a Agroecologia propõe um paradigma revolucionário e libertário, que busca a soberania alimentar, a justiça social e a harmonia com a natureza. Nesse sentido, o ensino da Geografia tem um papel fundamental para impulsionar a Agroecologia como fator educativo revolucionário, pois pode contribuir para a formação de sujeitos críticos e conscientes da realidade

espacial e das relações entre sociedade e natureza e principalmente, sobre as relações de poder.

O ensino da Geografia, mesmo que institucionalizada pelos aparelhos que reproduzem a lógica do capital, pode promover a educação decolonial e emancipadora, questionando a ideologia dominante e valorizando os saberes populares e tradicionais. Porém, para isso é preciso desenvolver consciência política, social e de classe rompendo, na raiz, com as ideias e ideais tradicionais burgueses, elevando assim a classe trabalhadora, dominada, ao patamar de classe dominante, conquistando a democracia através da luta.

A educação decolonial, transformadora e emancipadora é arma revolucionária em conjunto com a organização política da classe trabalhadora, que luta por justiça, equidade, seus direitos, pela transformação social e pela conquista do poder político pela classe trabalhadora.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho surge a partir da inquietação com a persistente exploração e estado de miséria da maior parte da humanidade, pela ocorrência de inúmeras catástrofes ao redor do mundo, com destaque para as áreas rurais, caracterizadas por degradações ambientais e sociais e tudo isso associado a frustração sobre o processo educativo atual.

Tais inquietações nos fizeram pensar sobre o papel das ciências na preservação e no avanço do pensamento crítico sobre a realidade e por isso surgiu o questionamento condutor do presente texto: Quais as lições a Agroecologia, como paradigma alternativo à lógica mercadológica (capitalista), têm para ensinar a Geografia e como o ensino da geografia pode auxiliar na disseminação da Agroecologia, não só como paradigma respeitável na relação com o outro, o ambiente e a produção de alimentos, mas também como reforço revolucionário para a mudança radical do sistema explorador a que somos submetidos?

O nosso principal objetivo seria, através do levantamento de literatura fornecendo aporte teórico-conceitual, considerar/relacionar/descrever/analisar as lições que a Agroecologia tem para ensinar a Geografia e como o ensino da Geografia pode auxiliar na disseminação da Agroecologia, pensando de forma dialética, vislumbrando essa combinação como um reforço revolucionário para a promoção de mudanças profundas no sistema explorador em que estamos inseridos.

O objetivo geral foi inicialmente atendido, porém ainda sentimos a necessidade de aprofundamento dos conceitos, temas e argumentos tratados aqui. A contribuição teórica é imensa e densa, tornando o trabalho de pesquisa quase infinito, ou pelo menos o trabalho de uma vida, então não conseguimos adentrar tão profundamente em todas as temáticas abordadas, pela natureza do próprio trabalho e pela necessidade de mais leituras e reflexões.

Tínhamos os objetivos específicos de aprofundar o diálogo da geografia e agroecologia enquanto ciências, que foi iniciado em Mota (2013), monografia

apresentada como requisito final para titulação de bacharel. Como também, analisar o ensino da geografia - como deveria ser, como é e como gostaríamos que fosse - para entender o mundo, que também é tema amplo para debate, cabendo desenvolvimento mais apurado, porém acreditamos que conseguimos expor as ideias e argumentos centrais do nosso posicionamento.

Fizemos também, uma breve reflexão sobre quais os ensinamentos a Agroecologia trazem, como ciência e como paradigma e consideramos sobre como a aprendizagem sobre Agroecologia no ensino da Geografia pode contribuir para entender e ao mesmo tempo construir uma outra realidade. Nos empenhando em comprovar a hipótese de que através da educação - que supere o modelo neoliberal - do ensino de Geografia crítica e da Agroecologia, é possível desenvolver a resistência contra o modelo opressor e explorador vigente e podemos avançar na luta coletiva por mudanças radicais das estruturas que nos cercam.

E como anteriormente exposto, o debate é amplo e denso, por isso não esgotamos, de maneira nenhuma, os argumentos e ideias apresentadas, provocando a inevitabilidade de continuar com as reflexões até que o entendimento da realidade se una a teoria revolucionária e se converta em ação revolucionária.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia: ciência da sociedade**. 2ª edição. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2008

BALLA, João Vitor Quintas; MAS SUKADO, Luciana Miyoko; PIMENTEL, Vania Costa. **Panorama dos cursos de agroecologia no Brasil**. Revista Brasileira De Agroecologia, 9(2): 3-14. 2014. Disponível em: <<https://revistas.aba-agroecologia.org.br/rbagroecologia/article/view/15589>> Acessado em 10 de março de 2023.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação?** Editora Brasiliense – Coleção Primeiros Passos. São Paulo, 2007

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 20 de fev. de 2023

CAPORAL, Francisco Roberto. **Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis**. Brasília, 2009a. Disponível em:< <http://mutuando.org.br/?p=572> > Acesso em: 02 abril de 2010

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. **Agroecologia: Alguns conceitos e princípios**. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA. 2004 Disponível em:< <http://pt.scribd.com/doc/72781632/Agroecologia-alguns-conceitos-e-principios>> Acesso em: 05 de maio de 2012.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio; PAULUS, Gervásio. Agroecologia: matriz disciplinar ou novo paradigma para o desenvolvimento rural sustentável. Brasília-DF, 2006. In: CAPORAL, Francisco Roberto; AZEVEDO, Edisio Oliveira de. (Org) **Princípios e perspectivas da agroecologia**. Paraná: Editora do Instituto Federal de Educação, ciência e Tecnologia do Paraná – Educação a Distância, 2011. p. 45 – 80

CHAUÍ, Marilena de Souza. **O que é ideologia**. 25. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CHRISTOFOLETTI, Antonio. As perspectivas dos estudos geográficos. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org.). **Perspectivas da geografia**. São Paulo: Editora Difusão S.A, 1982.

CONAB. COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. **Próximo a atingir um novo recorde, produção de grãos está estimada em 315,8 milhões de toneladas**. Notícia, Brasília: Companhia Nacional de Abastecimento. 2023. Disponível em: <<https://www.conab.gov.br/ultimas-noticias/5030-proximo-a-atingir-um-novo-recorde-producao-de-graos-esta-estimada-em-315-8-milhoes-de-toneladas>> Acesso em junho de 2023.

FAO, FIDA, OMS, PMA y UNICEF. Versión resumida de **El estado de la seguridad alimentaria y la nutrición em el mundo 2022**. Adaptación de las políticas alimentarias y agrícolas para hacer las dietas saludables más asequibles. Roma, 2022. Disponível em <<https://doi.org/10.4060/cc0640es>> Acessado em 25 de maio de 2023

FRIGOTTO, Gaudêncio. Apresentação. In: MESZAROS, Istvan. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2012

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **Mito e verdade da revolução brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1963.

GUHUR, Dominique, & SILVA, Nívea Regina. Epistemologia da agroecologia. In: DIAS, Alexandre Pessoa (Org.). **Dicionário de Agroecologia e Educação**. 1ª edição. Expressão Popular. Rio de Janeiro e São Paulo, 2021.

MACEDO, D. (2004). **Para além de uma educação domesticadora: Um diálogo com Noam Chomsky**. Revista Currículo sem Fronteiras, v.4, n.1, pp 5-21. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol4iss1articles/macedo.pdf>> Acessado em abril de 2023.

MEDEIROS, M. Os desafios da educação revolucionária. **A Verdade**. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <<https://averdade.org.br/2021/09/os-desafios-da-educacao-revolucionaria/>>. Acesso em: 13 fev. 2023.

MÉSZÁROS, Istvan. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2012

MORDENTE, Giuliana Volfzon. **Sobre voos e gaiolas: uma análise de processos de subjetivação em escolas democráticas**. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro, 2020.

MOTA, Camila Lucena. **Agroecologia e Geografia: um diálogo possível**. (Trabalho de Conclusão de Curso) – curso de bacharelado em Geografia - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

PENSSAN. Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar. **II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasil** [livro eletrônico]: II VIGISAN: relatório final: Fundação Friedrich Ebert: Rede PENSSAN. São Paulo, 2022.

RIBEIRO, Darcy. Discurso na Universidade de Brasília. Brasília, 1985. In: MAURICIO, Lúcia Velloso (Org.). **Educação como prioridade**. São Paulo: Editora Global, 2018

SADER, Emir. Prefácio. In: MESZAROS, Istvan. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2012

SANTOS, Milton. **Natureza do espaço:** Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. 2ª reimpressão. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006 (Coleção Milton Santos; 1)

SOUZA, Maria Adélia de. Título da fala. In: SIMPÓSIO MILTON SANTOS E A EDUCAÇÃO, 2023, São Paulo. No Simpósio Milton Santos e a Educação. São Paulo: Editora da USP, 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=y5kExU23fiM&t=6566s>>. Acesso em: 13 de fev. 2023.

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar Geografia: o desafio da totalidade mundo nos anos iniciais.** São Paulo: Annablume, 2004

STRAFORINI, Rafael. **O ensino de Geografia como prática espacial de significação.** Revista de ESTUDOS AVANÇADOS 32 (93), Campinas, 2018